

Ana Fátima Aguiar



PSICANÁLISE

Entre penumbra e centelhas

As reveries no encontro analítico

Blucher

série Academia
de Psicanálise

ENTRE PENUMBRA
E CENTELHAS

As reveries no encontro analítico

Ana Fátima Aguiar

Entre penumbra e centelhas: as reveries no encontro analítico

© 2025 Ana Fátima Aguiar

Editora Edgard Blücher Ltda.

SÉRIE ACADEMIA DE PSICANÁLISE

COORDENADORA MARINA F. R. RIBEIRO

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Rafael Fulanetti

Coordenadora de produção Ana Cristina Garcia

Produção editorial Andressa Lira

Preparação de texto Regiane da Silva Miyashiro

Diagramação Lira Editorial

Revisão de texto Cristiana Gonzaga Souto Corrêa

Capa Laércio Flenic

Imagem da capa iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico,
conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico
da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira
de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial
por quaisquer meios sem autorização escrita
da editora.

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Heytor Diniz Teixeira, CRB-8/10570

Aguiar, Ana Fátima
*Entre penumbra e centelhas : as reveries no
encontro analítico / Ana Fátima Aguiar. – São Paulo:
Blucher, 2025.*

200 p. – (Série Academia de Psicanálise / coord.
Marina F. R. Ribeiro)

Bibliografia
ISBN 978-85-212-2607-9 (impresso)
ISBN 978-85-212-2606-2 (eletrônico - epub)
ISBN 978-85-212-2605-5 (eletrônico - pdf)

1. Psicanálise. 2. Reverie. 3. Bion, Wilfred R. (Wilfred
Ruprecht) – 1897-1979. I. Título. II. Série. III.
Ribeiro, Marina F. R.

CDU 159.964.2

Índice para catálogo sistemático:
1. Psicanálise CDU 159.964.2

Conteúdo

Prefácio	19
O traçado e os contornos: uma introdução	23
Acertando a “pega”: uma experiência clínica para sonhar conceitos	31
1. O nascedouro de um protoconceito: a <i>reverie</i> em Bion	39
2. O campo-sonhante-intersubjetivo: lavoura, semeadura e colheita das <i>reveries</i> na clínica psicanalítica contemporânea	51
3. O cerzido teórico-clínico da <i>reverie</i> nas formulações de autores contemporâneos	61
3.1 A tessitura da <i>reverie</i> e suas pictografias analíticas: um ponto, alguns alinhavos	64
3.2 Thomas Ogden: a <i>reverie</i> e o conceito de terceiro analítico intersubjetivo	67
Pictografando as <i>reveries</i> do (e no) terceiro ogdeniano	80
Seguindo os pespontos imprecisos e criativos de Thomas Ogden	84

3.3	Pensamentos-palavra em busca de um narrador:	
	Antonino Ferro e a <i>reverie</i> como derivado narrativo	86
	Pictografia analítica via narrativas: a centelha vital	98
	Pontilhando narrativas com Antonino Ferro	103
3.4	Da evocação dos símbolos à construção de significados: o casal Rocha Barros e o conceito de pictogramas afetivos	105
	Pictografia analítica da expressividade simbólica	121
	Dos vãos ao entreato: os Rocha Barros e as entrelinhas da simbolização	125
3.5	Entre cesuras: Marina F. R. Ribeiro e os conceitos de intuição psicanalítica e <i>reverie</i>	130
	Da intuição à <i>reverie</i> : revelando a pictografia	140
	Nos entrepontos intuitivos de Marina F. R. Ribeiro	142
3.6	Sonhando no corpo: Giuseppe Civitarese e a noção de <i>reverie</i> somática	145
	Pictografias entre corpos: a <i>reverie</i> somática na dança do encontro	153
	Civitarese e os enlaces intersubjetivos dos corpos	157
3.7	O casal Botella e o trabalho da figurabilidade	161
	A escuta regrediente: pictografias do trabalho da figurabilidade	170
	O viés contínuo da figurabilidade no ponteadado expansivo dos Botella	173
4.	Entrelaces finais: do incognoscível às transformações, da linha solta ao bordado	177
	Referências	193

Prefácio

*Escute só,
isto é muito sério.
Anda, escuta que isso é sério!
O mundo está tremendamente esquisito.
Há dez anos atrás o Leon me disse
que existe uma rachadura em tudo
e que é assim que a luz entra,
não sei se entendi.
Você percebe alguma coisa
da mistura entre falhas e iluminação? [...]*

Matilde Campilho, 2016

Edgar Morin (2015) escreve que “é preciso aceitar certa imprecisão e uma imprecisão certa, não apenas nos fenômenos, mas também nos conceitos”. O título deste livro é uma apresentação teórica-clínica-poética da imprecisão do fenômeno da *reverie* na clínica e na literatura psicanalítica. Imprecisão que é apresentada ao leitor com a precisão e a determinação de uma autora que tece seu texto com maestria e cuidado ético com os autores que a acompanham nessa jornada investigativa.

O texto ora apresentado é fruto de uma pesquisa acadêmica orientada por mim no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). A realização de uma pesquisa em psicanálise é um processo de transformação tanto do pesquisador como de seus interlocutores próximos. Trata-se da indagação e da aproximação

ao enigma que nos habita dentro de uma comunidade de colegas, conceitos, textos e trocas significativas. Um pesquisador implicado expande seu pensamento a partir dos encontros éticos e estéticos, fazendo referência aos autores encontrados no percurso e, também, de um estudo consistente e aprofundado da literatura psicanalítica.

A pergunta que nos conduz na pesquisa psicanalítica é aquela que conseguimos alcançar e expressar, parcialmente, do enigma que nos habita e nos move. Quanto mais próximos e perturbados pelo enigma formos, mais autoral é o texto. Considero que Ana conseguiu expressar as nuances das turbulências vividas nos seus encontros analíticos, mas também nos encontros com os textos apresentados nas aulas, nas orientações e nos encontros com os colegas no grupo de pesquisa.

Ana usufruiu de todos os momentos e soube se nutrir de tudo que foi oferecido, tendo como esteio seu mito de origem como pesquisadora psicanalista. Com base em Green (1987/2017), nomeei de “O mito de origem do pesquisador-psicanalista”, uma quimera, uma composição única, um fragmento intersubjetivo, um amálgama complexo de experiências. O mito de referência seria um mosaico pessoal, construído de múltiplos encontros e influências, a partir dos quais o psicanalista apreende os diversos fenômenos com os quais se depara. Uma pesquisa psicanalítica é uma realização autoral dessa complexa composição.

Outra característica do livro é que a apresentação conceitual se inicia a partir de uma experiência clínica que percorre todas as páginas por meio de diferentes fragmentos. Há uma circularidade expansiva entre clínica e teoria sempre entrelaçadas, presentes no texto de forma criativa e autoral.

Ana é uma leitora voraz e atenta aos detalhes, capaz de traduzir com palavras próprias o pensamento de outros psicanalistas; e faz isso com ética e cuidado. Além de ter apresentado com excelência o pensamento de Thomas Ogden, Antonino Ferro, o casal Rocha Barros,

Giuseppe Civitarese e o casal Botella sobre o conceito de *reverie*, apresentou meus textos deixando-me acompanhada dessa lista ilustre de psicanalistas que também admiro e estudo, e diante dos quais sou e serei uma aprendiz.

Poucos livros abordam o tema da *reverie*. O trabalho da Ana traz uma contribuição significativa para a compreensão do conceito e do sonhar compartilhado na situação analítica, com o cuidado de apresentar, discorrer, aproximar e refletir, qualidades de uma boa pesquisadora-psicanalista e escritora. Além disso, a autora constrói a denominação *pictografias analíticas* como a apresentação na tela mental do amálgama entre diversas experiências clínicas, teóricas e pessoais que fazem parte da tessitura de um texto; nas palavras de Ana Fátima: “termo que contempla um cerzir teórico-clínico, tecido pelos conteúdos imagéticos e sensíveis dos fenômenos clínicos, entremeado com os lampejos conceituais desenvolvidos pelos autores”.

A poesia e a linguagem metafórica estão presentes em todos os capítulos, revelando que a poesia é o sonho da palavra e que a metáfora é uma forma exitosa de apreensão da realidade psíquica. Percebo que se abre um campo de pesquisa em psicanálise no qual o texto acadêmico se apresenta de forma renovada e autoral, cada vez mais fazendo jus a uma linguagem de alcance psicanalítico (Chuster, 2024), que pode estar presente tanto no exercício clínico como em um texto desenvolvido na academia.

Este livro é o testemunho de que é possível aproximarmos-nos dessa ousadia na realização da potência da *poiesis* de um texto teórico-clínico psicanalítico. Foi um prazer acompanhar Ana Fátima entre penumbras e centelhas, e o leitor se sentirá conduzido e embaçado por uma autora delicada que apresenta teorias complexas como quem faz uma agradável caminhada.

Marina F. R. Ribeiro

Agosto, 2024

Referências

- Campilho, M. (2016). *Fevereiro*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=a2u1D4i-C48>>. Acesso em: 22 jan.2025.
- Chuster, A. (2024). *Linguagem de alcance psicanalítico. A diferença transcendental em W.R. Bion*. Blucher.
- Green, A. (2017). *A loucura privada: psicanálise de casos-limite* (M. Gambini, trad.). Escuta. (Trabalho original publicado em 1987)
- Morin, E. (2015). *Introdução ao pensamento complexo*. (E. Lisboa, trad.). Sulina.

O traçado e os contornos: uma introdução

Nenhum sonho se pode contar. Seria preciso uma língua sonhada para que o devaneio fosse transmissível. Não há uma ponte. Um sonho só pode ser contado num outro sonho.

Mia Couto, 2006

Contar um sonho a partir de um outro sonho, por meio de uma língua sonhada... A ideia apresentada na epígrafe de Mia Couto nos faz pensar sobre o sonhar compartilhado. Sonhar acordado, devanear... É exatamente aí que se encontra a chave do que se pretende apresentar nas páginas que estão prestes a ler: a experiência da *reverie*. A análise, em toda sua complexidade, nos coloca (como analistas e como analisandos) diante do enigmático, numa relação exclusiva de confiança e intimidade na qual o analista implicado é convocado a se lançar ao incognoscível da experiência emocional.

Se traçarmos um brevíssimo percurso etimológico da palavra *reverie*, perceberemos um interessante movimento de um simples vocábulo corriqueiro que vai ganhando elementos representacionais que lhe dão corpo, forma e conotações conceituais.

Iniciemos pela raiz francesa da palavra “*rêverie*”¹, na qual “*rêve*” significa sonho, *rêver* (verbo): sonhar. Na língua inglesa, a palavra

1 Nas referências sobre o tema, encontramos o termo *reverie* usado com acento – *rêverie* – quando se remete ao termo em francês, e sem acento quando usado em inglês. Escolhi utilizar o termo sem acento, assim como é utilizado na maior parte das produções brasileiras sobre o tema, porém é possível que a forma *rêverie* apareça em algumas citações diretas.

“*reverie*” descreve um estado de mente em que é possível se perder nos próprios pensamentos. Na música, refere-se a um estilo de composição que alude a um devaneio.

No campo psicanalítico, vemos uma menção ao estado de devaneio como uma forma de “sonho diurno”, em Freud, no texto *Escritores criativos e devaneios* (1908/1980). Nessa passagem, o autor compara o escritor criativo às pessoas que divagam, sonham acordadas, pessoas com mentes imaginativas, e levanta uma importante questão, indagando se o escritor imaginativo e suas criações podem ser comparados ao que chama de “sonhador em plena luz do dia” e seus devaneios (p. 154).

Mais de meio século depois, em 1962, em seu livro *O aprender com a experiência* (1962/1991), Wilfred R. Bion apresenta com maior profundidade teórica o *pensamento onírico de vigília*, retomando essa ideia de sonho diurno. Nessa perspectiva, enredado pela alusão de que os devaneios seriam frutos da capacidade imaginativa da mente, o autor introduz o vocábulo “*reverie*” na psicanálise para descrever a capacidade da mãe de captar e dar continência aos conteúdos do mundo interno do seu bebê. Segundo o autor (1962/1991), a *reverie* refere-se a um devaneio; a capacidade de *reverie* seria, assim, um estado de sonho da mente. É a capacidade da mãe de receber, acolher, decodificar, significar, nomear conteúdos inconscientes e devolvê-los devidamente metabolizados ao seu bebê.

Ainda que apresentado originalmente à comunidade psicanalítica por Bion, o termo *reverie* ganha *status* de conceito somente a partir das teorizações pós-bionianas. Mesmo que Bion já considerasse analista e analisando como uma díade, um campo bipessoal, foram seus sucessores que passaram a contemplar o conceito aproximando as díades mãe-bebê e analista-analisando e a pensá-lo no contexto da intersubjetividade na clínica psicanalítica.

No percurso de minhas investigações, algumas questões se apresentavam como prementes: qual é a definição de *reverie* em Bion e

como o conceito vem sendo ampliado teoricamente no que se refere à experiência na clínica psicanalítica contemporânea? Existem condições específicas para que a *reverie* aconteça? Seria a *reverie* uma produção da mente do analista ou uma criação intersubjetiva oriunda da experiência emocional em análise? Como poderia a *reverie* deixar “à deriva” e, ao mesmo tempo, auxiliar na criação de caminhos, sentidos e transformações na dupla analítica?

É interessante perceber como pode um conceito ser continente de tantos movimentos delicados, sensíveis e genuínos. Como tal, para que possamos alcançar uma compreensão que abarque a amplitude de sutilezas e obliquidades que a *reverie* comporta no que se refere à relação analítica, este livro apresenta, já em seu início, um relato da experiência clínica com Paulo², intitulado “Acertando a ‘pega’”. O intuito é que a experiência clínica narrada possa acompanhar e iluminar o percurso da leitura, embalando o leitor para que “sonhe” os conceitos à luz da situação analítica, pois é exatamente nela que a *reverie* se fenomenaliza.

Para contextualizar o caminho histórico do conceito, o Capítulo 1 destina-se ao nascedouro da *reverie* no pensamento de Bion, ainda como um protoconceito. A clínica psicanalítica apresenta-se como um solo fértil e em constante expansão, no qual conceitos são germinados, cultivados e colhidos.

2 O nome Paulo foi escolhido para representar o material clínico que será apresentado ao longo de todo este trabalho. Todavia, tanto o nome quanto muitos dos elementos ilustrativos utilizados nas narrativas foram escritos a partir de uma dimensão ficcional (Tanis, 2015). Desse modo, todas as informações e/ou detalhes que pudessem ser identificados foram cuidadosamente alterados, preservando o compromisso do sigilo e, ao mesmo tempo, permitindo a descrição de fenômenos próprios da experiência clínica que, quando relatados com o devido rigor ético, tornam-se extremamente relevantes para o desenvolvimento de pesquisas sobre a teoria e a técnica psicanalíticas.

Um campo que está sempre sendo renovado, a cada estação, com novos cruzamentos de sementes e, conseqüentemente, produzindo novas safras de colheita. Assim como o campo teórico, o encontro analítico também é vivo, dinâmico e, dessa forma, propício para uma produção ampla e infinita. Desse modo, com o título “O campo-sonhante-intersubjetivo: lavoura, semeadura e colheita das *reveries* na clínica psicanalítica contemporânea”, o Capítulo 2 se dedica a pensar o espaço do encontro entre as mentes, a partir do qual a experiência da *reverie* pode emergir e ser vivida na clínica.

O Capítulo 3, “O cerzido teórico-clínico da *reverie* nas formulações de autores contemporâneos”, pretende acompanhar a expansão conceitual acerca do fenômeno da *reverie* pela perspectiva de autores que têm produzido importantes formulações sobre o tema. Serão privilegiados neste trabalho Thomas Ogden, Antonino Ferro, o casal Rocha Barros, Marina F. R. Ribeiro, Giuseppe Civitaresse e o casal Botella. Suas formulações versam sobre as experiências intersubjetivas no processo analítico e ampliam as reflexões teórico-clínicas contemporâneas.

A fim de trazer ao leitor uma aproximação entre a experiência clínica e a teoria, serão acrescentados ao capítulo pequenos recortes do trabalho clínico com Paulo, com o objetivo de descrever as *reveries* vividas no encontro analítico. A esses recortes, “sonhantemente” coloridos na tela mental da analista, será proposto o nome de “pictografias analíticas”, termo que contempla um cerzir teórico-clínico, tecido pelos conteúdos imagéticos e sensíveis dos fenômenos clínicos, entremeados com os lampejos conceituais desenvolvidos pelos autores pós-bionianos apresentados neste capítulo, enredando algumas especificidades sobre os processos intersubjetivos que circundam a análise.

A utilização dos recortes clínicos tem o objetivo de iluminar e dar vida à *reverie*, conceito espectral, muitas vezes fugaz e, como tal, difícil de ser definido. As narrativas do material clínico com Paulo foram escritas a partir de uma dimensão ficcional (Tanis, 2015), na qual dados que pudessem ser identificados são alterados sem que se perca o

essencial: a experiência emocional. É o que nos propõe Ogden (2010), quando sugere que “o autor analista está sempre colidindo contra uma verdade paradoxal: a experiência analítica [...] deve ser transformada em ficção (uma versão imaginativa de uma experiência em palavras), para que a verdade da experiência seja transmitida ao leitor” (p.140).

Desse modo, a narrativa clínica torna-se crucial, pois nos ajuda a recorrer à nossa capacidade imaginativa de apreender a experiência analítica para sermos então capazes de vislumbrar as repercussões da *reverie* dentro do campo psicanalítico e, conseqüentemente, nos abrimos para as reflexões teóricas que dela emergem. Dessa maneira, podemos considerar que a relação entre teoria e clínica é percorrida em uma via de mão dupla, por meio da qual ambas se ligam, se cruzam, uma permite o acesso à outra.

A proposta é que as pictografias analíticas entrelacem aspectos conceituais à experiência clínica, na expressiva, dinâmica e envolvente dança da intersubjetividade na situação analítica, contemplando, assim, o viço da experiência emocional diante do fenômeno da *reverie*, antes mesmo da criação da imagem. Os recortes clínicos revelam que esse processo parte de uma experiência que nos convoca a estar à deriva, em um estado de hospitalidade capaz de transformar a impressão sensorial em imagem pictográfica, tolerando o não saber e aguardando, como um ato de *fé*³, os sentidos que poderão surgir.

O analista se torna, desse modo, a própria captação do pictograma⁴, pela ampliação de sua capacidade de escuta para além do audível, sendo um importante instrumento para a construção intersubjetiva de sentidos

3 O “ato de *fé*”, segundo Bion (1970/1991), é a capacidade do analista de esperar que algo possa emergir e dar um sentido à experiência emocional. É um ato “científico” de tolerar o não saber. Para o autor, é necessário que o analista abra mão de memória e desejo, e que tolere o incognoscível, até que os sentidos se mostrem.

4 O termo “pictograma” é usado por Piera Aulagnier (1995, p. 41) quando descreve os três processos de metabolização (ou funcionamento) da psique – o processo originário, o processo primário e o processo secundário –, cujas representações

e transformando a *reverie* em algo que possa ser pensado. Assim, as pictografias analíticas – essas imagens⁵ “transvisuais”, criadas imaginativamente – abrem caminhos para a expansão de pensamentos que passam a ser comunicados e geram transformações da/na dupla analítica.

O objetivo do Capítulo 3 é criar, como seu próprio subtítulo revela, um “alinhavo” entre as ideias dos autores e a experiência emocional em sessão. Não se trata, portanto, de uma costura propriamente dita, pois o conceito de *reverie* é vivo e não se apresenta com pontos fechados, em *overlock*. A ideia aqui é mostrar que a *reverie*, enquanto conceito, se faz nas (e das) entrelinhas, pelos diferentes vértices propostos pelos autores apresentados, o que nos ajuda a ampliar a compreensão, tanto conceitual como também em sua implicação clínica. A proposta é evidenciar como cada um dos autores estudados, com suas contribuições autorais e por diferentes matizes, nos ajuda a pensar o fenômeno conceitualmente, de acordo com algumas particularidades experimentadas na situação analítica.

No Capítulo 4, “Do incognoscível às transformações, da linha solta ao bordado”, o leitor é convidado a se abrir para um pensamento paradoxal: penumbra e centelhas são opostos que se encontram numa dinâmica viva e transformadora. Como pode a *reverie* deixar “à deriva” e, ao mesmo tempo, auxiliar na criação de caminhos, sentidos e transformações na dupla analítica? De que maneira o fio solto, como numa obra de arte aberta, se transforma numa bordadura confeccionada intersubjetivamente? De que forma o conceito de *reverie* vem sendo ampliado teoricamente e como cada autor contribui no que concerne à experiência clínica da *reverie*?

seriam, respectivamente, a representação pictográfica ou pictograma, a representação fantasmática e a representação ideativa.

5 Aqui a palavra “imagem” é usada para se referir a algo da ordem da “imaginação”, da capacidade imaginativa da mente.

Aqui o intuito não é concluir, no sentido de supor um fechamento, tampouco decifrar o conceito de *reverie*, mas sim abrir espaço para uma reflexão que versa a amplitude de caminhos para se pensar a *reverie* e as transformações em análise. De todo modo, ainda que não haja a intenção de promover um esgotamento sobre o tema, ao pensarmos nos diferentes vértices teórico-conceituais engendrados no conceito de *reverie*, podemos identificar alguma conformidade quanto a sua aplicabilidade clínica? Propõe-se, portanto, analisar se haveria uma concordância em considerar que, por meio da *reverie*, o campo pode tornar-se ainda mais transformador para o processo analítico.

Nota-se que um conceito complexo como a *reverie*, tanto teórica quanto clinicamente, demanda um estudo cuidadoso e apurado, pois ele não pode ser considerado designativo de um processo analítico, com um sentido e propósito únicos e invariáveis. Ao contrário, é um fenômeno alusivo, que incita o início de todo um processo que abarca inúmeros movimentos intersubjetivamente experienciados: intuição, criação, imaginação, penumbra, trevas, enigma, tolerância à frustração, fé, centelhas, sentidos, transformações.

A psicanálise exige do analista um papel ativo e implicado com os movimentos inerentes ao processo analítico:

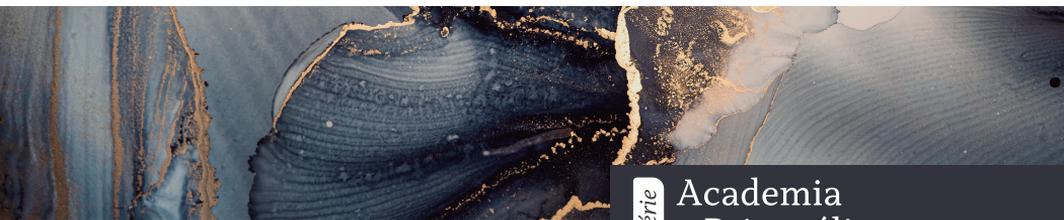
A arte da análise não só requer que lutemos com a questão de criar um lugar em que analista e analisando possam viver, mas também que desenvolvamos o uso de uma linguagem adequada para dar voz à nossa experiência de como é a vida nesse lugar sempre cambiante (Ogden, 2013, p. 27).

No trecho citado, Thomas Ogden apresenta a visão de uma psicanálise viva e criativa, que nos convida a estarmos abertos ao movimento cambiante da vida para que, assim, a análise possa se tornar, tanto para o analisando quanto para o próprio analista, um acontecimento humano.

Pensar sobre o que ocorre no espaço intersubjetivo da análise amplia e reforça a compreensão, bem como a relevância, das experiências emocionais vividas conjuntamente pelo par analítico, ultrapassando a perspectiva de que o propósito da análise é exclusivamente a função de interpretar a transferência ou de revelar o inconsciente. Espero que as investigações aqui propostas possam promover aprofundamento teórico e favorecer repercussões “caleidoscópicas” sobre a *reverie*, que permitam ao leitor uma abertura para infinitas combinações de cores e formas para a compreensão das nuances do fenômeno no encontro analítico e sua relevância na clínica psicanalítica contemporânea.

Esta obra saborosa contém muitas ideias originais, que tornam sua leitura indispensável para nós, psicanalistas e professores. Constitui-se numa vacina contra a banalização de conceitos centrais à psicanálise contemporânea. Ana utiliza-se de uma bela linguagem metafórica para descrever e coreografar conceitos seminais e para bordar seus pensamentos: os *ventos uivantes* que espalham os conceitos, a *figurabilidade como tema-ventania*, a *agulha-imagem do analista* que segue *cerzindo caminhos do inconsciente*. É de se destacar o espaço que dedica à produção psicanalítica brasileira que, aos poucos, vai se constituindo numa cultura inovadora, ocupando seu espaço no ambiente psicanalítico internacional. Além de psicanalistas brasileiros, Ana transita também entre as ideias de autores franceses, italianos e estadunidenses, ilustrando bem a essência da psicanálise transmatricial. Essa capacidade de fazer interagir conceitos que vão se espalhando pelos ventos uivantes, *fazendo germinar safras autorais e complexas*, é uma das marcas da psicanálise brasileira.

Elias M. da Rocha Barros



série

Academia
de Psicanálise

COORD. MARINA F. R. RIBEIRO

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2607-9



9 788521 226079



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Entre penumbra e centelhas

As reveries no encontro analítico

Ana Fátima Aguiar

ISBN: 9788521226079

Páginas: 204

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2025
